

## OS ESCRITOS NOS BANHEIROS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, A PARTIR DAS DISCUSSÕES DE GÊNERO

Heloísa Ferreira Gentil (PIC/CNPq/UEM/), Ana Cristina Teodoro da Silva (orientador) e-mail: prof.anauem@yahoo.com.br. Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas Letras e Artes/Maringá, PR.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

### Teoria da comunicação

**Palavras-chave:** Escritos de banheiro, Gênero, Feminismo.

### Resumo:

O presente trabalho teve como objetivo levantar e analisar o conteúdo comunicativo de frases escritas nas cabines de seis pares de banheiros, dentro do campus sede da Universidade Estadual de Maringá, sob âmbito das discussões de gênero e sexualidade. As relações de poder presentes, o biopoder e a heterossexualidade compulsória são questões presentes na sociedade, evidenciadas dentro dos banheiros estudados. Através dos estudos pode-se observar que a heterossexualidade compulsória opera através de vários dispositivos e também que a comunicação e a linguagem são ferramentas de manutenção da lógica binária.

### Introdução:

Os espaços dos banheiros, em instituições públicas como a Universidade Estadual de Maringá (UEM), apresentam diferentes expressões através de frases escritas nas paredes, garantidas pelo anonimato. A fim de investigar o fenômeno comunicacional dos grafitos de banheiro e as relações de poder presentes nas discussões de gênero, a pesquisa questionou inicialmente quais arranjos de gênero são manifestos nos banheiros da Universidade Estadual de Maringá e que significados políticos expressam. A construção dos dados foi feita por meio de fotos e transcrições de grafitos em banheiros dentro do Campus Sede, respectivamente: M05, H12, H78, G56, 039 e 041.

### Revisão de literatura:

Os sanitários, estando em ambientes públicos, contam historicamente com uma divisão binária, representada pelos termos “feminino” e

“masculino”, para utilizá-los então é necessário um reconhecimento, o reconhecimento de ser homem ou ser mulher. Judith Butler (1990), em seus estudos, evidencia como a binaridade presente na sociedade, em amplos aspectos históricos, traz o feminino atrelado ao ser mulher e o masculino ao ser homem, traçando um paralelo e incumbindo sexo e gênero de forma interligada, “A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito.” (BUTLER, 1990, p. 24).

A separação binária representa o sistema compulsório ao qual a heterossexualidade opera. Butler, ainda chama a atenção para que o sexo não pode ser entendido como reflexo do gênero, “O gênero não deve ser construído como uma identidade estável ou um locus de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos.” (BUTLER, 1990, p. 200)

O gênero, por conseguinte, é a construção cultural variável do sexo. Para Butler a distinção entre sexo e gênero, parte do pressuposto que “por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído, conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quando o sexo.” (BUTLER, 2003, p. 24)

Assim sendo, o gênero é a interpretação múltipla do sexo. Desse modo, a representação binária não contempla a variedade de interpretações de gênero. A placa restritiva nas portas dos banheiros, comprova a normatização de um sistema heterossexual ao qual opera a sociedade ocidental. Louro (2000) em seus estudos, verifica como as interpretações de gênero que não são representadas dentro do limite do heteronormativo, são vistas de forma marginalizada “As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade.” (LOURO, 2000, p. 3)

Guacira Lopes Louro, explicita como a identidade de gênero e identidade sexual são construídas socialmente, sob o contexto de uma determinada cultura, moldadas e construídas pelas redes de poder de uma sociedade. Tais relações, demonstram como o poder é uma relação de forças. Por biopoder, entende-se pelos estudos de Maia (1995) a Michel Foucault, que: “Estes diversos processos que acarretaram uma progressiva organização da vida social, através de meticulosos rituais de poder que tem como objetivo o corpo, se deram através do que Foucault caracterizou como biopoder.” (MAIA, 1995, p.93).

O discurso normativo rege de maneira a controlar e contabilizar, fala-se de sexo nos ambientes em que a norma rege, vigia-se o casamento, a natalidade, a forma com que cada corpo usa seu sexo. Os banheiros, são construções arquitetonicamente pensadas ao controle dos corpos, não somente a placa que classifica de forma binária, com as palavras “feminino” e “masculino”, mas a estrutura das cabines, a arquitetura dos banheiros, a disposição dos mictórios e as cabines fechadas nos banheiros femininos. Os

banheiros da universidade, são locais onde é exercida uma pedagogia da sexualidade.

Na escola, pela afirmação ou pelo silenciamento, nos espaços reconhecidos e públicos ou nos cantos escondidos e privados, é exercida uma pedagogia da sexualidade, legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras.

Louro (2000 p. 18), remete a forma com que a pedagogia da sexualidade, nas escolas e universidades, por muitas vezes, é discreta e sutil, entretanto, de forma duradoura, o discurso normativo, através dos professores, da arquitetura e da engenharia dos banheiros promove o processo de escolarização do corpo, disciplinando os corpos a norma, tudo que foge a norma é dito como desviante e errado. O gênero então, como construção cultural variável do sexo, através do discurso normativo, utilizado pelo jogo de relações de poder, é histórico e culturalmente vigiado e normatizado.

### Resultados e discussão:

A pesquisa foi dividida em duas etapas bem definidas: coleta e análise de dados. Na primeira parte do trabalho, foram capturadas fotos dos banheiros ditos “femininos” e “masculinos” sendo então, 6 pares de banheiros dentro do Campus Sede, respectivamente: M05, H12, H78, G56, 039 e 041.

Nos banheiros ditos “masculinos” foram selecionadas, 38 frases escritas. Das 38 frases, destaca-se que 19 possuem cunho sexual, sendo uma questão recorrente dentro dos banheiros masculinos. Muitas das frases aparentavam se tratar de um meio entre os usuários em que comunicava-se sexo e dentro daquele ambiente se garantia seguramente o anonimato.

Nos banheiros ditos “femininos”, destaca-se o bloco H78 que não possuía frases escritas nas portas propriamente, porém uma colagem: “Proibido uso do chuveiro feminino por homens”. Chama a atenção, o fato de ser proibido o uso do chuveiro dito “feminino” por homens, uma vez que sexo não limita gênero. A feminilidade pressuposta pelas usuárias do banheiro dito “feminino” não é uma condição intrínseca ao ser mulher, mas sim a feminilidade trata-se de uma construção social do indivíduo dito “mulher” na sociedade heteronormativa. A binaridade simplifica a grande variedade de interpretações sexuais que possam existir. O indivíduo é construído e tecido sob um aspecto que enquadra no binário, entretanto, o binário é uma classificação limitante do sistema heteronormativo.

### Conclusões

Através de todas as frases presentes no ambiente em questão, pode-se evidenciar como, a distinção sexual aparece representada nos escritos dos banheiros da Universidade Estadual de Maringá, tecida sob as construções presentes no sistema heteronormativo. Desse modo a

construção histórica e cultural do indivíduo, no âmbito das relações de poder, dentro do espaço dos banheiros, levando em conta agora o ambiente como uma construção arquitetonicamente pensada. Através do Biopoder, o sistema constrói e tece por meio da estrutura do binário um sistema de sexualidade compulsória, que preza o controle de natalidade e o controle dos corpos.

Pode-se evidenciar, que a divisão binária perpassa as placas restritivas dos banheiros em “feminino” e “masculino” e tange aspectos da linguagem e da comunicação. A própria linguagem humana, propriamente é instrumento de docilização dos corpos e a distinção de gênero presente em amplos aspectos culturais.

## Referências

### Livro:

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 4ª edição, São Paulo, 1970.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Ed. Civilização brasileira, Rio de Janeiro, 2003.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Vol. 13ª ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte, 2ª Ed, Autêntica, 2000.

### Artigo de revista:

MAIA, C. Antônio. **Sobre a analítica do poder de Foucault**. Tempo Social, Rev. Sociol. USP, São Paulo, outubro 1995.